

POLÍTICA EDUCACIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA*Educational Policy And Teaching Geography*Rafael Rossi¹<https://orcid.org/0000-0001-8544-3756>**RESUMO**

O presente texto é instrumento por meio do qual abordamos o ensino de geografia a partir das contribuições da perspectiva ontológica marxiana. Nesse sentido, tratamos da caracterização do espaço geográfico. Além disso, abordamos as potencialidades presentes no espaço geográfico e sua realização efetiva e prática. Explicitamos, como proposições finais, a necessidade de compreensão da forma atual de sociabilidade capitalista na qual a produção do espaço geográfico se realiza e influencia dialeticamente.

Palavras-chave: Espaço. Geografia. Sociedade.

ABSTRACT

This text is an instrument through which we approach the teaching of geography from the contributions of the Marxian ontological perspective. In this sense, we deal with the characterization of the geographical space. In addition, we address the potential present in the geographic space and its effective and practical realization. We approach, as final propositions, the need to understand the current form of capitalist sociability in which the production of geographical space takes place and influences dialectically.

Keywords: Space. Geography. Society.

¹ Docente vinculado à Faculdade de Educação e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS-Campo Grande – MS. E-mail: rafaelrossied@gmail.com

Introdução

A sociedade na qual vivemos ainda se caracteriza, gostem os defensores da ordem ou não, por ser capitalista. Isto significa que todas as mercadorias produzidas possuem como objetivo máximo a reprodução dos lucros. Produzem-se casas, vestimentas, alimentos, aparelhos eletrônicos etc. com a finalidade primeira de serem vendidos. Pouco importa para o capitalista, ou seja, aquele que é proprietário dos meios de produção (instalações, máquinas etc.) e do capital, que um aparelho telefônico, por exemplo, seja destruído após a sua venda. O importante é vender, vender mais e cada vez mais em escala crescente e ampliada.

Essa dinâmica impacta com muita força absolutamente todas as dimensões da vida humana (saúde, educação, arte, ciência, política etc.). O salário que os trabalhadores recebem corresponde a um valor muito inferior com relação ao valor que produzem. Está dada, portanto, a base que irá gerar, por sua própria natureza e especificidade, as desigualdades sociais de toda ordem: concentração de renda, pobreza, miséria, segregação...

A partir de toda riqueza produzida no mundo inteiro, no ano de 2017, 82% ficou em controle do 1% mais rico da população mundial, enquanto que a metade mais pobre, ou seja, estamos falando de 3,7 bilhões de pessoas, ficaram de fora². Todavia, isto não significa que esta produção social da desigualdade se manifeste concretamente da mesma forma nos distintos territórios. A produção social capitalista, que se baseia na exploração sobre o trabalho, gera, irrevogavelmente, a existência das classes sociais com objetivos essencialmente distintos e antagônicos. O interesse essencial, ou seja, que emana da própria natureza da classe dominante é a reprodução dos lucros e o “bem dos negócios”, mesmo que isso signifique, na prática, demissões em massa, guerras, desastres ambientais e outras barbáries (MÉSZÁROS, 2002). Dados da agência ambiental das Nações Unidas apontam que a poluição no mundo é responsável pela morte de 12,6 milhões de seres humanos por ano³.

Por outro lado, o interesse essencial que emana da classe dos trabalhadores está na completa e na mais absoluta erradicação de toda e qualquer forma de exploração, pois somente assim será possível uma produção social genuinamente humana, na qual as autênticas necessidades formativas

² Dados disponíveis em: < https://oxfam.org.br/noticias/super-ricos-estao-ficando-com-quase-toda-riqueza-as-custas-de-bilhoes-de-pessoas/?gclid=EAIaIQobChMIqvb54Laq6AIVhBGRCh11Mg0zEAAAYASAAEgLpsfD_BwE > Último acesso em: mar. 2020.

³ Dados disponíveis em: < <https://nacoesunidas.org/poluiacao-causa-126-milhoes-de-mortes-por-ano-alerta-agencia-ambiental-da-onu/> > último acesso em: mar. 2020.

dos indivíduos possam ser plenamente atendidas e não as destrutivas e autocentradas demandas do mercado.

O espaço geográfico, entendido enquanto um conjunto de sistemas de objetos geográficos e seus correspondentes sistemas de ações (SANTOS, 2017) é, ao mesmo tempo, condição e fator desta dinâmica societária que coloca em primeiro lugar as necessidades das classes dominantes. Os territórios, por sua vez, são expressões e influenciadores na produção espacial da nossa sociedade. É o uso que permite compreender a interação entre territórios e espaço geográfico (SANTOS, 1999).

Em nossa sociedade brasileira, historicamente, presenciamos *o uso do território subordinado ao território da troca*. Assim como é o valor de troca que subordina o valor de uso das mercadorias, no caso dos territórios seus usos são condicionados, direta ou indiretamente, pelo seu potencial de subserviência à lógica mercantil. Territórios indígenas, quilombolas, camponeses e muitos outros possuem o seu uso social e coletivo, cada vez mais, hierarquizado, comprimido, exterminado e esfacelado pelos interesses das grandes corporações econômicas e especulativas. *A grande questão é o controle social dos territórios*. O uso dos territórios é controlado socialmente perante as demandas hierárquicas das grandes empresas e agentes econômicos que subordinam as demais questões centrais do ponto de vista das autênticas necessidades humanas.

Do ponto de vista do avanço científico e tecnológico a humanidade já desenvolveu as bases para uma produção do espaço geográfico que respeite e atenda plenamente as diversas necessidades dos distintos territórios e suas culturas. A fronteira do dinheiro e da classe impede a realização positiva e concreta de uma geografia eminentemente humana. A geografia dominante é a geografia que atende os interesses das classes dominantes. Enquanto a exploração sobre o trabalho continuar a existir, a produção geográfica será impactada pelas classes sociais. Estamos tratando aqui da geografia em seu objeto que é o espaço, pois é esta temática que permite compreender as articulações com a vida social.

Não é de hoje que assistimos desigualdades espaciais de toda ordem, incluindo, nas necessidades mais elementares como as de saúde. Um trabalhador com câncer, por exemplo, terá oportunidades reais de tratamento médico completamente distintas das oportunidades que um bilionário usufrui se tiver a mesma doença. O ganhador do prêmio Nobel de medicina, Richard J. Roberts, por exemplo, afirmou em uma entrevista que: “[...] *as empresas farmacêuticas muitas vezes não estão tão interessadas em curar as pessoas como em sacar-lhes dinheiro e, por isso, a investigação, de repente, é desviada para a descoberta de medicamentos que não curam totalmente,*

mas que tornam crônica a doença e fazem sentir uma melhoria que desaparece quando se deixa de tomar a medicação⁴.”

Toda esta geografia da desigualdade e da barbárie nos faz compreender, até o momento, que o avanço do COVID-19 no Brasil será algo muito doloroso e sofrido, em especial, para os trabalhadores que mais convivem com a exploração em seu cotidiano. Não esperemos soluções mágicas da noite para o dia. As condições precárias da saúde pública são perceptíveis há muito tempo, tal como as que afligem as áreas da pesquisa e da educação de modo geral.

O espaço geográfico não pode ser entendido apenas como receptáculo das ações humanas. Ele também influencia e coloca as possibilidades para o desenvolvimento dos indivíduos. Moradores das favelas possuem muito mais barreiras e obstáculos sociais para a sua sobrevivência do que moradores de condomínios de luxo de alto padrão. Um território que apresente grandes teatros, museus e universidades; por exemplo, não indica que seus habitantes poderão se apropriar de todos estes bens e conhecimentos. Lugares de comando e poder determinam, muitas vezes, os rumos da produção espacial e territorial de nações inteiras.

Muitos de nós vivenciamos grandes modificações nos territórios nos quais crescemos e que foram ditadas por agentes econômicos e políticos alheios aos reais interesses e demandas dos indivíduos que moram nestes mesmos territórios. Bairros inteiros com alto grau de solidariedade e interação social, com o passar dos anos, se transformaram em locais apenas para o descanso ao final da jornada de trabalho. Muitos vizinhos, hoje em dia, nem se conhecem mais.

Não se trata aqui de nenhum tipo de nostalgia ou romantismo idealista de qualquer ordem. Em matéria de ensino de geografia a defesa do realismo, para além de suas aparências, é da mais absoluta importância e isto por sua vez precisa ser realizado numa perspectiva crítica, ou seja, a partir da perspectiva da classe trabalhadora, pois, como afirmamos no começo deste escrito, é a única classe social que essencialmente apresenta um panorama efetivamente para todo o gênero humano e não para o 1% da população que vive da exploração alheia.

O COVID-19 é mais um triste capítulo de uma história social e geográfica marcada a ferro e fogo pela desigualdade irrefreável entre as classes sociais. Muitos ainda irão morrer. Muitos ainda estão expostos a todo tipo de risco em função da precariedade das condições de trabalho que

⁴ Disponível em: < <https://www.esquerda.net/artigo/farmac%C3%AAuticas-bloqueiam-medicamentos-que-curam-porque-n%C3%A3o-s%C3%A3o-rent%C3%A1veis> > Último acesso: mar. 2020.

enfrentam. Poucos podem comprar caixas e caixas de álcool em gel e viver de *delivery*. Para um comer, muitos trabalham.

Do potencial ao real

Nosso espaço geográfico, hoje em dia, conta com uma infinidade de bens culturais, artísticos, científicos e tecnológicos que jamais a humanidade pôde observar na história. O espaço geográfico brasileiro possui: 3.025 museus⁵; 2.098 salas de cinema; 1.229 teatros; 2.400 instituições de ensino superior⁶ (sendo que destas, 88% são particulares); 300 mil restaurantes⁷; 452.801 médicos⁸; uma produção de alimentos que seria mais do que suficiente para atender o problema da fome⁹ e 6 milhões de imóveis vazios¹⁰.

Estes dados nos mostram a geografia em potencial, ou seja, o potencial que o espaço geográfico apresenta para dar conta do atendimento das necessidades mais básicas de todos os seus habitantes. O espaço geográfico entendido em seu uso, em suas ações e influências perante a sociedade como um todo, englobando uma série de objetos geográficos e seus correspondentes sistemas de ações.

Todavia, a geografia real nos mostra que, no espaço geográfico brasileiro existem: 07 milhões de pessoas que passam fome e 30 milhões de subnutridos¹¹; 6,9 milhões de família sem casa para morar¹²; 4.8 milhões de família sem terra¹³; a renda dos mais ricos é 33.8% maior que a média dos 50% mais pobres¹⁴; mais de 17 mil casos de violência contra moradores de rua¹⁵; a

⁵ Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/estudo-revela-que-brasil-tem-mais-de-3-mil-museus/> > Último acesso: mar. 2020.

⁶ Disponível em: < <https://revistaensinosuperior.com.br/brasil-instituicoes/> > Último acesso: mar. 2020.

⁷ Disponível em: < <https://blog.empresometro.com.br/10-estados-com-mais-restaurantes/> >

⁸ Disponível em: < <https://amb.org.br/wp-content/uploads/2018/03/DEMOGRAFIA-M%C3%89DICA.pdf> > Último acesso em: mar. 2020.

⁹ Disponível em: < <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/producao-de-alimentos-e-suficiente-para-resolver-a-fome-no-brasil/> > Último acesso em: mar. 2020.

¹⁰ Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/07/brasil-tem-69-milhoes-de-familias-sem-casa-e-6-milhoes-de-imoveis-vazios-diz-urbanista.htm> > Último acesso: mar. 2020.

¹¹ Disponível em: < <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/producao-de-alimentos-e-suficiente-para-resolver-a-fome-no-brasil/> > Último acesso em: mar. 2020.

¹² Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/07/brasil-tem-69-milhoes-de-familias-sem-casa-e-6-milhoes-de-imoveis-vazios-diz-urbanista.htm> > Último acesso: mar. 2020.

¹³ Disponível em: < <https://mst.org.br/2018/03/16/nenhuma-familia-foi-assentada-no-brasil-em-2017-afirma-cpt/> > Último acesso: mar. 2020.

¹⁴ Disponível em: < <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/10/16/desigualdade-aumentou-no-brasil-em-2018-aponta-ibge.ghtml> > Último acesso: mar. 2020.

¹⁵ Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/17/brasil-registra-mais-de-17-mil-casos-de-violencia-contra-moradores-de-rua-em-3-anos.ghtml> > Último acesso: mar. 2020.

população negra é a principal vítima de homicídios no Brasil¹⁶; um aumento de mortes de 14% em decorrência de doenças provenientes da poluição atmosférica¹⁷ e 11 milhões de analfabetos¹⁸.

Esses dados nos explicitam contradições perversas e anti-humanistas. Se o espaço geográfico brasileiro apresenta uma riqueza cultural, científica, tecnológica, alimentícia, habitacional etc. enorme, como explicar a persistência da pobreza, fome, poluição, analfabetismo, famílias sem ter onde morar etc.?

A produção geográfica territorial que define o uso dos territórios se dá com base nos territórios da troca, pois é o capital quem, em última instância, exerce o controle social do espaço geográfico. Basta pensarmos em toda a potencialidade alimentícia, tecnológica, cultural e científica, por exemplo, que muitos espaços geográficos apresentam e que só estão disponíveis para aqueles que podem pagar por tais bens e serviços. Isto significa que o espaço geográfico é determinado, em última instância, pelas demandas do mercado e não pelas reais e autênticas necessidades humanas de se alimentar, instruir, morar etc.

O que é geografia em potencial se converte na prática, em função dos imperativos mercadológicos, em geografia real da desigualdade e da barbárie. Aqueles que produzem a potencialidade geográfica em seus bens essenciais para a vida social, ou seja, a classe trabalhadora, não possuem uma igualdade substantiva para usufruírem das universidades, casas, hospitais etc. que construíram com o seu trabalho. O poder aquisitivo é um impeditivo para a enorme maioria dos indivíduos que vivenciam a geografia real e não as benesses das suas potencialidades.

Considerações Finais

Nosso desafio histórico, para aqueles preocupados com o gênero humano em sua totalidade, continua sendo o fim da exploração, pois “trata-se de reestruturar a sociedade e dar uma outra função aos objetos geográficos concebidos com um fim capitalista, ao mesmo tempo em que os novos objetos espaciais já devem nascer com uma finalidade social” (SANTOS, 2004, p. 81-82).

¹⁶ Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/brasil/ibge-populacao-negra-e-principal-vitima-de-homicidio-no-brasil/> > Último acesso: mar. 2020.

¹⁷ Disponível em: < <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/45500-mortes-devido-a-poluicao-aumentam-14-em-dez-anos-no-brasil> > Último acesso: mar. 2020.

¹⁸ Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-113-milhoes-de-analfabetos-23745356> > Último acesso em: mar. 2020.

Entretanto, se voltarmos à história, veremos que a classe trabalhadora sempre esteve exposta a todo tipo de intempéries e sofrimentos: exploração, alagamentos, moradias de péssima qualidade, falta de saneamento básico, etc. Os professores de geografia realmente comprometidos com a disciplina a partir dos interesses do gênero humano e não os objetivos mercadológicos precisam, mais do que nunca, explicitar, com base no conhecimento científico, as estruturas, as dinâmicas e os processos que conformam a produção espacial e territorial do lucro e da pobreza. Não há uma produção geográfica para uns e outra para outros. Há uma só produção geográfica que reproduz a lógica do capital em detrimento da maioria dos indivíduos e dos territórios e em benefício da menor parcela da população mundial. Tarefa indispensável, portanto, é o estudo sério e permanente a respeito da origem e do funcionamento desta sociedade.

O território da troca define o uso do território, ou seja, as demandas dominantes induzem a geografia que irá dominar. O controle social dos usos dos territórios é efetivado pelos grandes agentes econômicos e não pelos próprios trabalhadores. Vale a pena lembrar a fala do personagem Creonte da peça Antígona de Sófocles: “Entre os homens, nada há como o dinheiro para gerar os maus costumes. Ele devasta as cidades e expulsa os homens de seus lares. Corrompe até o coração dos bons e ensina-lhes práticas torpes. O dinheiro induz os homens ao crime e estia-lhes na alta toda sorte de impiedade”.

Referências

- HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**. 22ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- MÉSZÁROS, I. **Produção Destrutiva e Estado Capitalista**. São Paulo: Ensaio, 1999.
- MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- SANTOS, M. **O Dinheiro e o Território**. Transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999, proferida em 15/3, p. 07-13.
- SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 5ª ed. São Paulo: EdUSP, p. 81-822004.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- SÓFOCLES. **Antígona**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

Recebido em: 02/04/2020

Aceito em: 04/05/2020

Publicado em: 12/06/2020